Amuletos das Crianças Proletárias de Fortaleza (*)

JÓSA MAGALHÃES

Amuleto é qualquer objeto portável, supostamente impregnado de magia, a que as pessoas supersticiosas atribuem virtudes sobrenaturais de cura, proteção e defesa do seu condutor.

A Arqueologia comprova que o uso do amuleto remonta às civilizações primitivas em que os povos viviam torturados por uma incompreensão absoluta dos fenômenos naturais que a natureza, cotidianamente, lhes oferecia. O móvel preponderante que conduz o indivíduo à usança do amuleto é a superstição. Não nos surpreende que os povos primitivos assim procedessem, imersos que estavam no caos da ignorância. O que surpresa nos causa, nos dias que fluem, quando o homem mobiliza a razão e munе-se do espírito crítico, é que, mercê do assinalado progresso das ciências e a evidente clarificação dos espíritos, ainda se verifica a vigência destes processos supersticiosos. O fato é que, por mais iluminada que esteja a mente humana não deixa ela de projetar penumbras de dúvidas onde se aceita o fantasma da superstição. Todos nós, e disto não há fugir, guardamos no imo do subconsciente a nossa boa cota de superstição.

Presentemente, ainda vige o amuleto com propagação universal. Neste sentido, verifica-se que todos os povos do universo dêle fazem uso, cumprindo assinalar, porém que os menos favorecidos dos benefícios da cultura a êle mais frequentemente recorrem. É, pois, como se vê, um hábito dos povos primitivos que o tempo e a civilização não lograram elidir da face da terra.

De princípio, unificados os indivíduos no mesmo sentimento místico, indistintamente, usavam de qualquer tipo de amuleto. Posteriormente, com a evolução e esclarecimento das crenças, passaram a pronunciar-se preferentemente por aqueles mais

---

(*) Trabalho apresentado ao V Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Fortaleza.

aconchegados à natureza do seu espírito. Mercê desta evolução espiritual podemos classificar os amuletos em três grandes grupos: amuletos mágicos, religiosos e ornamentais.

Mágicos são aquêles constantes de uma variedade infinita de objetos impregnados de magia e geralmente usados de pessoas ignorantes que não receberam os benefícios da evolução mental e continuam saturados de inconcebíveis superstições.

Os religiosos se representam por medalhas com efígies de santos, escapulários, cruzes, rosários, medidas de imagens de santos, relíquias de objetos venerados pelo catolicismo e certas orações fortes usadas de pessoas de fé cristã.

Ornamentais são os balangandãs com que as damas da sociedade ornam a sua pessoa e lisonjeiam a sua vaidade.

No Centro de Pureicultura Darci Vargas, onde, diàriamente, prestei à criançada proletária de Fortaleza o concurso de meus serviços profissionais, consegui, no decurso de quatro anos, fichar 625 crianças portadoras de amuletos mágicos. As minhas pesquisas sobre êste acervo incidem na variedade dos tipos, nos mais preferidos, na motivação do emprego, na idade dos portadores e no ambiente social, cultural e econômico da família.

Entre os 625 amuletos mágicos encontrei os seguintes tipos diversos, em número de 33, pertencentes aos reinos vegetal, animal e mineral: figa, cera de abelha, crótalo, cortiça, cigarra, fio de algodão, cordão com nós, moela de galinha, búsio, concha da praia, casca de cobra, oncinha, dente, folha de arruda, estrela, chave, dente de alho, fumo, botão, cruz de chifre, medalha de chifre, coração de chifre, fragmentos de pilão, fragmentos de bôca de pote, moeda, aparas de unhas, fragmentos de umbigo, ferradura, castanha, semente de jatobá, semente de cabaça, semente de mulungu e milho.

O amuleto mais preferido é a figa que corresponde a uma proporção de 60%, muito variável, assim na côr que na substância de que é constituída. As cores dominantes são a encarnada e a preta, cores acentuadamente mágicas. Quanto à sua natureza são constituídas de matéria plástica, metal dourado, osso, e, toscamente, de madeira e chifre. De tôdas, a mais afamada pela saturação mágica, é a de chifre preto.

O amuleto é usado preferencialmente para evitar mau olhado, assegurar boa dentição, evitar fastio, vômitos, diarréia, e propiciar felicidades. Exerce, pois, uma espécie de medicina preventiva. Excepcionalmente, tem ele a função curativa.

De regra a criança usa o amuleto do nascer ao fim do segundo ano de vida. É justamente a fase de vida precária em que as crianças, por falta de cuidados higiênicos e alimentação apro-

priada, mais se expõem aos distúrbios do trato intestinal e respiratório, bem como os do rompimento dentário.

A presença dos amuletos mais se verifica nas crianças dos bairros marginais como Pirambu, Mucuripe, Floresta, Lagamar, Meireles, onde vegeta uma população em ínfimas condições sociais e econômicas, sem higiene, sem educação, sem assistência médica, suja, hipoalimentada e profundamente supersticiosa.

Vejamos, agora, o arranjo, o uso e a significação de alguns amuletos.

FIGA — A figa, representada por mão fechada com ressalto da ponta do polegar entre o indicador e o médio é, de todos, o mais encontradiço dos amuletos. Há-os na proporção de 61 por cento. Concorre para isto a grande difusão que a indústria da matéria plástica lhes dá. Nesta substância mostram-se eles em todas as cores. Todavia, usam-se, predominantemente, os de côr encarnada e preta por serem as cores de maior significação mágica. Entretanto, não são os mais eficazes. Entre estes, destacam-se os modelados roscamente em chifres de côr preta. Certa vez aparece-me uma criança garridamente vestida e bem calçada, adereçada de cordão de ouro, enfeitada de laço de fita, conduzindo no punho direito uma figa de chifre. Perguntando eu à sua mãe porque, em vez de uma figa de chifre, não usava sua filha uma figa bonita, dourada, respondeu-me que para quebranto só mesmo uma figa de chifre. Há a figa de osso, bem polida, encastoada em ouro, usada sobretudo como adorno pessoal. A figa é sobretudo específica no afastar o perigo dos malefícios do mau olhado. "A figa conjura o mal, o contratempo, a inveja e provoca os bons fados", diz Câmara Cascudo. Tem a figa uso muito antigo. A Arqueologia encontra vestígios dele nas regiões onde floresceram as civilizações antigas como Herculano, Pompéia e em toda a costa do Mediterrâneo. Tinha, primitivamente, "a representação do ato sexual." Como tal, era considerado um símbolo de obscenidade. Presentemente, poucas pessoas conhecem a sua significação e usam-na por simples adorno.

DENTES — Numerosa variedade de dentes serve de amuletos destinados a promover boa dentição e afastamento de mau olhado. Dentes de jacaré, de bôto, de peba, de pitu, de cavalo, de cachorro, de traíra, de polvo, de aranha caranguejeira e o primeiro dente de leite do irmão mais velho. A preferência a um ou a outro varia tanto quanto a numerosidade deles. Depende da confiança que o dente a cada pessoa inspira. O de jacaré procede do Pará e quase sempre é encastoado em ouro. Contou-me mãe proletária haver 6 filhos. Todos usaram o dente de jacaré e nenhum

teve distúrbio dentário. Outra, afirma que o dente da aranha caranguejeira é muito bom para dentição. Muito melhor do que um vidro de cálcio de 10 cruzeiros. Dente de boto macho para as crianças do sexo masculino e de boto fêmea para as do feminino. Informa Estevam Pinto que entre os índios "se o recém-nascido é menina, penduram-lhe ao pescoço dentes de capivara com o objetivo de proporcionar à criança dentes fortes e sadios."

ALHO — O dente de alho, designadamente o roxo, é tomado como amuleto que se opõe ao quebranto. Às vezes é transfixado por um cordão e amarrado à volta do pescoço ou do pulso direito. Outras vezes é embolsado e posto ao pescoço. Também serve à boa dentição. "O alho se usou como um amuleto muito eficaz contra diversas enfermidades; acreditava-se que os demônios e fascinadores teriam certa alergia com respeito ao odor do alho. A só menção da palavra alho era suficiente para quebrar o encantamento."

PINHÃO — Fôlhas de pinhão roxo embolsadas em saquinho de pano posto ao pescoço das crianças contra o mau olhado. O pinhão é um arbusto mágico. Frequentemente é encontrado nos terreiros das casas do sertão e nos jardins das cidades. É considerado poderoso defensor do mau olhado.

ARRUDA — Fôlha de arruda, contida em saquitel de côr vermelha, constitui poderoso amuleto contra o mau olhado. Informa Renato Braga que: "Desde a mais alta antiguidade, tanto na Europa como na África, foi tida como planta mágica, para anular o mau olhado, defender das doenças contagiosas e propiciar o que se deseja. As damas romanas costumavam trazer galhos de arruda nas mãos. Indispensável aos nossos curandeiros nas benzeduras. Há pessoas que usam figas feitas do seu lenho". Certamente, estas prerrogativas mágicas decorrem do cheiro fétido que tais fôlhas exalam.

ANEL — Anel de mãe preso ao pescoço da filha, por cordão encarnado, a fim de assegurar-lhe boa dentição. Se do sexo masculino é a criança deve usar o anel do pai.

JATOBÁ — Caroço de jatobá preso ao pescoço por cordão encarnado. Este amuleto tem por fim tirar as reimas do corpo e propiciar à criança uma dentição tranquila sem febre e diarréia. Ocorre, porém, o seguinte: quando o caroço fendilha, superficialmente, em vários sentidos, desaparecem todas as reimas do corpo. A reação do corpo se concentra no caroço. Daí a sua fendilhação. Anulada assim toda a fôrça da dentição, nascem os den-

tes sem nenhum distúrbio. O caroço deve ser um símbolo de vitalidade, fonte de vida.

SALVE RAINHA — É costumeiro prender-se à roda do pescoço um cordão branco cheio de nós, de ponta a ponta, como se fôra um rosário, ao qual se chama Salve-rainha. Dizem que cada nó representa uma palavra da Salve-rainha. Entretanto, nunca encontrei correspondência entre o número variável de nós e o das palavras formadoras da oração. Usa-se para evitar vômitos e fastio. Os nós, neste caso, devem possuir a significação mágica de prisão. Os espíritos maus, de certo, julgam ser isto uma armadilha para eles e, por isto fogem, da pessoa visada. Informa Ernst Hemneter que entre os egípcios um amuleto havia constante de um cordão com sete nós a que se atribuia um caráter assinaladamente mágico. Conta Benjamim Lee Gordon "que para as doenças dos olhos possuíam os assírios uma oração específica. Depois de pronunciada, em face do doente, punha-se-lhe derredor dos olhos, um cordão mágico de algodão, de côr encarnada, contendo sete nós.

CIGARRA — Ao pescoço das crianças costuma-se prender uma cigarra com a mira de despertar-lhe o apetite. Parece haver aí um símbolo, uma analogia subjetiva. A cigarra canta e, em cantando, acorda, desperta, subconcientemente, o apetite.

CONCHA — Os búsios e as conchinhas da praia constituem amuletos que são conduzidos aos pulsos e ao pescoço. Propiciam dentes sãos, alvos e resistentes. Acredita-se que o businho da praia provém das guelras de um peixe chamado Pirá. Nem todos o possuem. Quando se logra encontrar um Pirá com um businho, motivo é de grande felicidade pessoal. É, pois, um fator de felicidade.

FUMO — O amuleto de fumo goza de inconfundível valor. Anula o mau olhado e espavora os espíritos nocivos. Toma-se uma porção de fumo de rama, faz-se uma bola bem comprimida, amarra-se em dois sentidos com um cordão encarnado de modo que as duas amarras se cruzem nos polos em ângulos retos. Coloca-se sempre no pescoço, mas só causa efeito nas crianças do sexo masculino. Certamente a fuga dos espíritos é provocada pelo cheiro acre do fumo.

CÊRA DE ABELHAS — Assás curioso é o amuleto de cêra de abelhas, bem assim a interpretação que se lhe pode dar. Toma-se uma bola de cêra bem dúctil e gruda-se a uma mecha de cabelo da criança. Admite-se que a cêra atrai o mau olhado de sor-

te que quando alguém, com olhos fascinadores, fita com inveja uma criança, a cêra atrai o mau-olhado, que a ela se prende e a criança se exime de qualquer feitiço.

BOTÃO — O botão é um dos amuletos mais apreciados. De regra, a mãe adquire-o retirando da braguilha da cueca do pai. Também pode ser conseguido pedindo-se um, por amor de Deus, à madrinha da criança, igualmente da cueca do padrinho. O botão branco é o mais comum. O encarnado tem boas preferências. Todavia, o botão preto possui maior impregnação de magia e, por isso, maior confiança. Prende-se o botão no pulso ou no pescoço por um cordão encarnado. O botão assim preso e desta maneira conseguido evita fastio, vômitos, diarréia e confere boa dentição. Contou-me uma senhora que uma de suas filhas, de três anos de idade, era muito chorona. Prendeu-lhe ao pescoço um botão vermelho, envolvido de lã de carneiro e metido em um saquinho de pano. Com isto a menina deixou de chorar com tanta persistência.

CORAÇÃO — Coração rústico, de chifre, para que os filhos tenham um coração tão bom quanto o da mãe. Usam, às vêzes, um coração de metal dourado com o mesmo fim. "O coração, diz Joaquim Rique, é um símbolo de bons sentimentos — a caridade, a doçura e o amor — que se deseja incutir nas crianças.

CHAVE — Como amuleto, preso ao pescoço, usada é a chave com a significação de fechar e abrir a natureza do corpo. Com esta chave, disse-me uma mãe, apontando para a filha, o anjo da guarda fecha o corpo de minha filha a qualquer doença. Abre o apetite e tranca o órgão emunctor a fim de sustar a diarréia. Antigamente, usava-se na Itália uma chave com alça em forma de coração que se contrapunha a todas as influências ocultas.

CHIFRE — O chifre é um órgão poderosamente demonífugo. "Em todo o antigo testamento, diz Gordon, se menciona o chifre como símbolo de poder, fôrça e domínio." É aproveitado na confecção de vários amuletos tais como medalhas, cruz e coração. O chifre preto é o mais preferido. Usam-se, também, as raspas em saquinho encarnado que se põe ao pescoço.

PIRÃO — Bola de pirão de farinha bem escaldada, ensacada em pano encarnado e posta ao pescoço da criança para evitar mau olhado. Acredito haver aqui um fato remanescente do que ocorria entre povos antigos que aos deuses e diabos expunham igua-

rias saborosas à conta de amainá-los dos seus intuitos nocivos e agressores.

TESTÍCULO — Toma-se de alguns fragmentos de testículo de jacaré com o que se faz um amuleto de saco que se põe no pescoço da criança. Êste amuleto é tido e havido por muito ativo e de grande eficiência na boa dentição da criança. Os antigos dêle usavam e atribuiam-lhe um sentido mágico de fôrça e vitalidade.

BÔCA DE PILÃO — Outro amuleto sobremaneira curioso é o de bôca de pilão. Retiram-se pequenos fragmentos da bôca de um pilão, põem-se num saquitel e prende-se ao pescoço por intermédio de um cordão encarnado que representa a medida exata da circunferência da boca do referido pilão. Às vezes, em vez do pilão, recorre-se à bôca de um pote e se procede da mesma maneira como se fora o pilão. Diz-se que este amuleto modifica a natureza da criança, tirando-lhe o fastio e abrindo-lhe o apetite. Este amuleto, de certo, se relaciona com o fato analógico de que o pilão aceita tudo que se lhe deposita. Tem sempre despertado o seu apetite.

MOELA — Da moela da galinha também se consegue um amuleto cuja finalidade é despertar o apetite da criança. Como na maioria dos amuletos, põe-se um fragmento de moela em um saquinho e prende-se ao pescoço. Certa vez, intrigado com a razão dêste curioso amuleto, indaguei de uma mulher o motivo porque recorria a tal artifício para acordar o apetite de sua filha, ao que, sem nutação, me respondeu: — "Ora, Doutor, o Sr. não sabe? Quando se abre uma galinha a moela está cheia de comida. A moela atrai a comida. Por isso é que eu boto este saquinho com um pedaço de moela no pescoço de minha filha. Pra chamar comida."

ESTRÊLA — Para conseguir a felicidade dos filhos as mães põem-lhes ao pescoço uma cruz rústica de couro, caco de cuia, ou metal. Convieram os sábios antigos que o brilho, a translação e a posição dos astros teriam influência decisiva sobre a vida dos povos, precipuamente no que tange à saúde e a patologia. Surgiu, daí, a medicina astrológica ou sideral que teve descompassada influência no mundo antigo. O presente uso da estrela, como amuleto, não é mais nem menos do que restos desta crença que empolgou o espírito dos povos num tempo já sobremaneira recuado. Naquêles evos ninguém decidia sobre um interesse pessoal qualquer sem, ante, consultar as condições propiciatórias do seu astro que predizia o destino dos indivíduos no curso da vida. Desta

crença o nosso povo, ignorante e marginal, não logrou desgarrar-se. Por isso é que da estrela faz uso frequente.

COBRA — É perempto o conceito segundo o qual as serpentes são fascinadoras. Admite-se seja a serpente a figura mais antiga empregada para representar as forças misteriosas do mal. Foi ela, a serpente, que, ardilosamente, levou Eva a pecar, decorrendo daí todos os males que afligem a humanidade. Hoje, com partes inócuas da cobra — crótalo e película de que se despeja periódicamente — faz o povo um amuleto reagente contra o mau olhado.

ONCINHA — Para boa dentição ensaca-se, viva, uma oncinha tura física semelhante à saúva, porém muito maior, de côr preta, e prende-se ao psecoço da criança. Oncinha é um inseto de estru- com malhas amareladas bem vivas. Daí a gênese do chamadoiro. Em Minas Gerais, conforme o testemunho de Fausto Teixeira, serve este amuleto de combater a bronquite. Os antigos usavam amuleto de coleópteros de asas brilhantes, como o escaravelho.

TORCIDA DE ALGODÃO — Não é raro ver-se um cordão grosso, de algodão torcido, à volta do pescoço, com a mira de evitar vômitos. Informa Ernst Hemneter que "Contra as enfermidades e outros perigos os índios se preservam principalmente levando amuletos, sendo difícil encontrar um índio, mesmo da classe instruída que não leve alguns deles. Os mais comuns são simples fios de algodão, brancos ou tintos de vermelho e preto. A estes fios se atribuem fôrças mágicas quando se torcem em determinados dias;

UMBIGO — Em Fortaleza, é encontradiço o amuleto constante de fragmento de cordão umbilical. O seu potencial mágico evita mau olhado e mune a criança de qualquer doença. É ensaquilhado em pano encarnado e vem sempre preso ao pescoço. Em certos meios sociais, onde inexistem as mais mínimas noções de higiene e a ínfimos níveis desce a ignorância, ao nascer uma criança, costuma a parteira seccionar-lhe o cordão umbilical em pequenos fragmentos e distribuí-los aos circunstantes que os guardam para vários misteres, tais como, amuletos, remédios e feitiços. Segundo crença vigente, um amuleto umbilical lançado no mar, ao surgir um plenilúnio, proporcionará grande soma de felicidade à criança que dele usou.

Aqui fica, em síntese apertada, a exposição de um assunto, sobremaneira interessante, que, apressadamente, julguei por bem divulgá-lo na oportunidade do V Congresso Brasileiro de Folclore.